

Sinal verde para 1995

JOSÉ SARNEY

Chegamos a 1995 com a ultrapassagem de algumas etapas básicas na História da Humanidade. Alguns afirmam até que o século já terminou, porque ele será não mais o século das duas maiores guerras ocorridas no mundo, a de 1914 e a de 1945, não o século em que o homem dominou a tecnologia nuclear, ampliou seus olhos e seus pés para o Cosmos, com a missão à Lua, e foi capaz de sondar o universo e descobrir como ele começou com o **big-bang**.

Este século será conhecido como aquele em que assistimos ao fim das ideologias, matriz das guerras, em que chegamos à vitória da democracia representativa, como forma de governo e da economia de mercado, como o caminho para melhorar a qualidade de vida na face da Terra.

Acabaram-se as ilusões e as utopias dos sistemas idealizados pelos políticos, porque a ciência e a tecnologia mostraram-se muito mais eficazes para melhorar a sorte da Humanidade do que todas as teorias, os discursos e os messianismos das ideologias.

Há uma sensação de racionalidade na conduta dos governos. Em nosso continente, 1995 chega com a esperança de um Brasil que se movimentará na direção de acompanhar o passo do mundo. A demagogia do pessimismo está passando. Há clarões de novos caminhos e, nas pessoas, confiança.

O Brasil restaurou a democracia, e não só isso: criou uma sociedade democrática, participativa, em que a política não é obra somente dos políticos, mas da sociedade inteira que, por mecanismos associativos desenvolvidos pela liberdade, imprensa livre e cidadania, questiona governos e formula políticas públicas.

Os nossos graves problemas de conjuntura estão sob controle: a dívida externa, a inflação, o comércio exterior, as reservas internacionais, a confiança na ação governamental.

Podemos dizer **bons anos**, na velha moda, para saudar o ano que chega a mostrar esperança nos que virão depois.

Mas, ao tratar o presente com otimismo, é impossível, mesmo num instante de mudanças, deixar de tra-

tar o futuro com realismo.

O Brasil não resolveu, por um passe de mágica, seus problemas estruturais. Estamos criando condições de atacá-los, mas eles permanecem com a gravidade que possuem. A reforma fiscal necessária à consolidação do Real tem um encontro com o Congresso, com data marcada. Ela vai exigir unidade de comando, que não pode ser outro, indelegável, do presidente da República. Ela vai ferir interesses e situações. Ela vai exigir dos políticos espírito público e coragem. Ela vai ter de ser aceita pela sociedade que também por de 88 é um monumento às idéias que desapareceram do mundo. É um convite ao gasto, à expansão do Estado, à globalização da economia nas restrições que oferece ao capital estrangeiro, à anarquia administrativa, à inércia e ao impasse, ao criar um sistema de governo híbrido que não funciona e torna o país ingovernável. O acordo que possibilitou o Real foi um gesto de cavalheiros, com a conviência e não só com a harmonia dos três poderes, todos sabendo que o mecanismo constitucional estava sendo "forçado". Por necessidade extrema e por espírito público, por uma etapa da crise (outros por acreditarem no insucesso), formou-se um consenso para aprová-lo e apoiá-lo. Mas, agora, urge dar-lhe as condições de consolidação, e estas somente poderão ser alcançadas com a reforma da Constituição e a reforma fiscal.

Outro problema urgente é o que trata do combate à pobreza. Nenhum plano econômico sobrevive sem o apoio do povo. É uma situação social explosiva, é um caminho de turbulência. Sabemos, hoje, com grande evidência, que o mais eficaz instrumento contra a miséria é o desenvolvimento econômico. Mas os bolsões de pobreza estrutural ou absoluta não esperam por soluções de longa maturação. A velocidade da deterioração dos indicadores sociais é muito maior que os ganhos do crescimento da renda. Daí a necessidade de programas emergenciais na área social, que são válvulas de escape de extrema eficácia contra situações explosivas, além de um compromisso moral de todos os responsáveis pelo bem público, pois a injustiça é indigna.

Com um alerta sobre estas luzes vermelhas, podemos atravessar o sinal verde de 1995 com esperança e com otimismo.

José Sarney é senador pelo PMDB do Amapá.